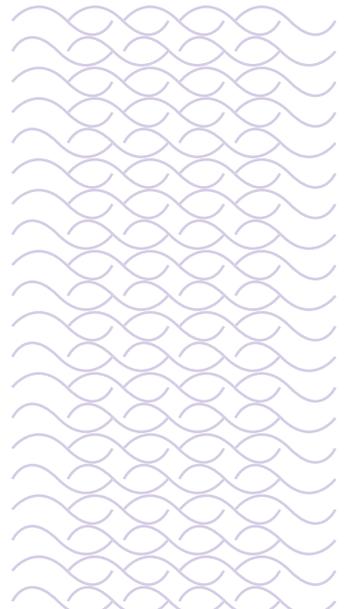
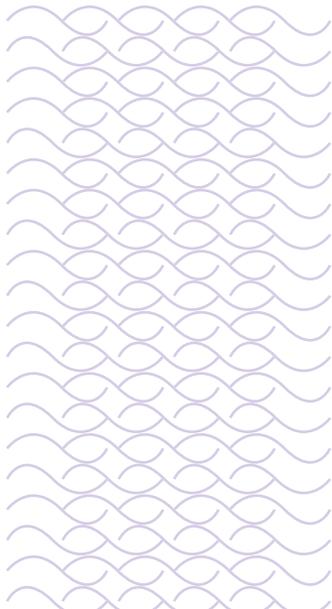


RESENHA



A comunicação que não vemos

Lucrécia D'Alessio Ferrara

Entre brechas, a comunicação que precisamos ver e rever

Between gaps, the communication we need to see and review

Entre brechas, la comunicación que necesitamos ver y revisar

Por Helena Jacob

Faculdade Casper Líbero
<helenamajacob@gmail.com>

Neste momento em que parecemos não nos comunicar e quando as notícias falsas estão por toda a parte, confundindo pessoas, grupos e nações, faz muito sentido discutir como se processa a comunicação que não vemos, que se encontra nas brechas do comunicar. Por meio de nove ensaios que se entrecruzam e se referenciam, é exatamente sobre questões na comunicação “entre” de que trata *A comunicação que não vemos*, obra mais recente da grande Lucrécia D'Alessio Ferrara, lançado pela Editora Paulus.

Professora titular emérita da PUC-SP e professora titular da FAU (Faculdade de Arquitetura da USP), Lucrécia é uma das mais importantes pesquisadoras do país, fundadora do primeiro programa de pós-graduação na área junto a Décio Pignatari e Haroldo de Campos, e centrou a carreira em discussões e pesquisas sobre as mais profundas arqueologias da epistemologia da Comunicação. Nesse caminho, sempre abarcando a metodologia que muitos chamariam de interdisciplinaridade, mas que se trata do vasculhar inferências, vestígios – rastros, como ela mesma diz no livro – e buscar entender como se processa o sentido real das implicações dos processos de comunicação.

Fruto de pesquisa desenvolvida com apoio do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisas Científicas), *A comunicação que não vemos* dá continuidade ao trabalho de Lucrécia visto antes em obras como *Olhar periférico* (Edusp, 1993) e *Cidades, entre mediações e interações* (Paulus, 2016): o estudo da cidade como laboratório de exercícios comunicativos e também como cenário de manifestações políticas que inferem em transformações de ordem social, econômica e cultural. Ou seja, em todas as esferas, seja naquelas que estão visíveis, mas, em especial, nas que não se encontram na superfície.

Neste mergulho, a autora retoma importantes autores das ciências humanas, deixados de lado pelas pesquisas mais recentes, como o sociólogo, psicólogo e criminologista francês Gabriel Tarde, passando pelos sociólogos italianos Maurizio Lazaratto e Giorgio Agamben e Bruno Latour, francês, nomes muito discutidos na pesquisa comunicacional contemporânea.

nea, sem deixar de lado ícones da pesquisa na área, como os franceses Roland Barthes, Guy Debord e Jean Baudrillard, ou o brasileiro Muniz Sodré, dentre muitos e muitos outros.

Este é justamente o método de pesquisa de Lucrecia Ferrara: acompanhar os rastros, deixar-se levar pelo que o olhar científico desvela, sem se prender a fenômenos obrigatórios ou nomes que “não podem faltar” na interpretação dos dados de análise. Assim, temos nas mãos uma obra que é ciência pura, um livro de 170 páginas que equivale a uma obra de mais de 2.000, tamanha sua profundidade, relevância e discussão de temas prementes na Comunicação e, ademais, nas ciências humanas.

O arco teórico da obra começa pela própria definição de comunicação, no capítulo “Comunicação: ser ou não ser”, no qual a autora discute aquilo que chamamos de ato e gesto do comunicar, e o espelho deste diante de si mesmo, analisado ora como programa, ou seja, aquele que surge do emissor que determina como será a instrumentalidade daquela comunicação e, como projeto, denota integração diante do contexto histórico do receptor. Ou seja: caso a comunicação se adeque a uma situação programática, com tempo para começar e terminar – em geral, uma questão de mídia –, o emissor determinará o caminho processual a seguir; caso se trate de um projeto, o foco seria localizado no receptor, que irá se integrar àquele processo comunicativo – e assim temos a descrição arqueológica de um meio de comunicação.

Sabendo de que comunicação falamos, podemos começar a nomear: este é um caminho cultural-comunicativo para os indivíduos. No ensaio “Os nomes na arqueologia da comunicação”, a autora aborda a arte de encontrar o nome adequado aos fenômenos da vida e, portanto, de conhecer os vestígios primários que geraram aquele objeto da cultura. Lucrecia nos lembra que “Metafóricos, os nomes frequentemente operacionalizados na comunicação são estranhos aos conceitos que designam e podem não corresponderem ao interesse designativo que os deve acompanhar, porém são numerosos” (p. 27). Assim, estamos diante do mistério do nome que nem tudo revela, mas que no ato de ser escolhido pode desvelar muitas realidades de escolha – ou, nem todo nome é exatamente o que parece ser. Para ilustrar a questão, nada melhor do que um ponto defendido pela autora durante toda a obra, mas presente também na sua pesquisa como um todo: a de informativos que a agenciam.

Nesse processo mimético, como não borrar e tornar obscura a representação da realidade? Seria o simulacro, nomeação sem referencial palpável, o caminho para que se entenda tal processo? Lucrecia discute as simulações e simulacros de Jean Baudrillard, em análise direta com o espetáculo de Guy Debord – analisando, assim, três dos conceitos mais repetidos e mal interpretados do campo da comunicação. “A relação social mediada por imagens” proposta por Debord apenas é possível quando entendemos a simulação dessas imagens, e os próprios termos cunhados por Baudrillard “são, antes de tudo, nomes, até certo ponto avessos a distinções, definições ou classificações como seria necessário observar se fossem as bases de clara e deliberada proposição científica” (p. 43). A discussão do terceiro ensaio, “Os simulacros da simulação”, nos leva à importante e adiada discussão sobre a representação do mundo, tomada como pressuposto *per se* no campo da Comunicação, recordando Jorge Luis Borges no inesquecível “La Torre de Babel”, quando a autora lembra que todos

os segredos estão guardados e que alguns deles podem ser impenetráveis, tal como provavelmente afirmaria o autor argentino.

No ensaio quarto, “Dos lugares situados às lugaridades midiaticizadas”, a autora retoma o pensamento de Milton Santos, partindo do rastro científico que são realidades desafiantes segundo o italiano Carlos Ginzburg (2007). Tais evidências “apelam para a capacidade de vigilância do pesquisador, a fim de produzir relações inusitadas sobre a realidade, propiciando-lhe possibilidades de apresentar e nomear o mundo” (p. 59). Muitas vezes confundidos na discussão sobre arqueologia da Comunicação com as origens do conhecimento, os rastros mostram possibilidades de análise e de descobrirmos justamente a comunicação que não vemos do título. Os rastros evidenciam justamente as diferenças e completudes entre psicoesfera e tecnoesfera, presentes na obra de Santos, e que ajudam na compreensão de como os lugares (tecnoesfera) se transformam em lugaridades (psicoesfera), desvelando as relações de convivência, transformação, representação e tantas outras possíveis dentro da comunicação.

O mais interessante do caminho percorrido em *A comunicação que não vemos* é o encadeamento de pensamentos complexos sobre o comunicar, que vão se direcionando para conceitos vistos como postos e dados, mas que a autora recupera para neles se debruçar, para que sejam definidos corretamente e não com a constante falta de rigor metodológico observada no campo dos estudos de Comunicação. É o caso do conceito da epistemologia em si, da epistemologia política da Comunicação e até mesmo da própria Comunicação. Como área jovem da ciência e que sofre constantes ataques de várias frentes, especialmente da política partidária, precisamos defender o conceito real e discutido do que é comunicar, mergulhando nos rastros dos termos comunicação, retórica e epistemologia que nos levem a refletir sobre a dimensão política da comunicação. Lucrécia lembra que “tanto os modos de dizer quanto os modos de pensar podem ser relacionados à cidade e à política que nela se desenvolve” (p. 75), assim como o significado da comunicação deve estar além de totalizações, mesmo que se reduza assim o campo científico em volume e tamanho. Melhor pequeno, mas adequado enquanto estudo da produção do conhecimento. Nessa questão situa-se a epistemologia política da Comunicação, quando Lucrécia retoma Gabriel Tarde no livro *A opinião e as massas* (2005) para discutir como a dimensão política da Comunicação – política aqui entendida, que fique bem claro, além do partidarismo, na questão do duplo vínculo comunicativo e sociológico que crie relações entre os cidadãos na cidade.

Nessa dimensão que é de ordem biopolítica, regulando corpos nas lugaridades da vida urbana, ocorre a midiaticização da esfera pública, discutida no capítulo sete. Aqui a autora mergulha no percurso final da obra, que passará pela “Cidade da multidão” e pela “Voz obscura das ruas”, em busca de rastros que mostrem o que está oculto nos processos comunicativos das grandes metrópoles e megalópoles, onde as massas se expressam em novos formatos, ora como multidão, ora como lugar midiaticizado e, tantas vezes, como virtualização do real.

“O megamundo feito de cidades dentro de cidades trocou o território da conurbação real e virtual, e o lugar logocêntrico pela agitação policromática, polivisual, polifônica e, sobre-

tudo, cinética e em constante mudança” (p. 109). É nesse cenário que o conceito de esfera pública discutido por Jurgen Habermas (2003) precisa ser analisado de acordo também com o espetáculo de Guy Debord (1997), visto que as cidades projetam comunicações e, portanto, lugares mediatizados e lugaridades que não fogem à mediação realizada por imagens, muito além do conceito raso de espetáculo pelo qual, em geral, tomamos o trabalho do marxista Debord.

Quando as imagens tomam o lugar das representações, numa iconofagia constante de autodevorção, temos a multidão criando a referida voz das ruas, que hoje é tomada como processo muito inovador e benfazejo, mas que vem se mostrando como uma face também obscura do processo comunicativo e que carece de análise epistemológica para sua correta compreensão. Um grande exemplo foram as “Jornadas de Junho”, manifestações populares ocorridas nas maiores cidades brasileiras em junho de 2013, que clamavam por redução de preço dos transportes públicos, fim da corrupção, eram contra a realização da Copa do Mundo e contra a então presidente do Brasil, Dilma Rousseff, entre muitas outras reivindicações, algumas claras, outras no formato de rastros a serem desvendados. Passados cinco anos, tal modo de comunicação das ruas ainda reflete nas decisões políticas do Brasil, visto que as jornadas clamavam, pasmem, pelo fim da política. Incorporado à discussão sobre a multidão das metrópoles e megalópoles, esse fim aconteceu em formato de reviravolta e de escolhas que, muitas vezes, parecem desafiar a lógica da cidadania e dos direitos humanos no país.

Buscar o obscuro sem medo das trevas e do que não é visto, muito menos falado: este é um retrato do trabalho perspicaz, dedicado, único e inescapável da imensa pesquisadora da Comunicação que é Lucrécia Ferrara. Há poucos é dada a capacidade de mergulhar nas trevas e retornar, e a pesquisadora sempre volta, ainda mais aguda e disposta a analisar, nomear, compreender e, especialmente, compartilhar. Uma obra tão ampla e necessária quanto *A comunicação que não vemos* só poderia ser fruto de uma alma generosa, que não se opõe a compartilhar sempre tanto conhecimento adquirido. E assim vive, intensamente, das camadas mais profundas à luminosa superfície, a pesquisadora Lucrécia Ferrara.

Referências bibliográficas

- FERRARA, Lucrécia D’Alessio. *A comunicação que não vemos*. São Paulo: Paulus, 2018.
- _____. *Cidades, entre mediações e interações*. São Paulo: Paulus, 2016.
- _____. *Olhar periférico*. São Paulo: Edusp, 1993.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 1997.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2016.

Data do recebimento: 07/11/2018.

Data do Aceite: 30/11/2018

Dados dos autores:

Lucrecia D'Alessio Ferrara

<http://lattes.cnpq.br/1606647058708790>

Livre-docente pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Professora titular emérita da PUCSP e professora aposentada da USP.

Helena Jacob

<http://lattes.cnpq.br/9736912884499829>

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com pesquisa sobre ambientes midiáticos da gastronomia. Mestre em Comunicação e Semiótica pela mesma instituição - também com pesquisa sobre mídia, cultura e gastronomia brasileira - e graduada em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997). Atualmente é Coordenadora do Curso de Jornalismo da Faculdade Casper Líbero, além de docente na mesma instituição.